

Ano III, Num 02
Edição Julho – Agosto 2012
ISSN: 2179-6033
<http://radioleituras.wordpress.com>

O Som, a Palavra e o Rádio: reflexões sobre as possibilidades da produção sonora contemporânea

Ana Paula Machado Velho¹

Sônia Cristina Dias Vermelho²

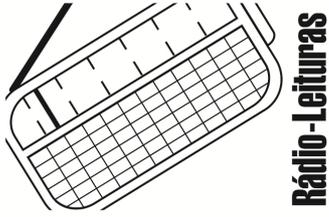
Resumo

As pessoas estão cada vez mais com seus iPhones, iPods e outros dispositivos nos ônibus, nas ruas, andando nos parques etc. É o som que embala os lapsos de subjetividade em meio à urbanidade. Esses momentos sugerem a reflexão, a introversão e nos permitem renovar as energias por meio da interação com sons que escolhemos, aqueles que vibram na mesma sintonia que nós. É sobre isso que fala Joachim-Ernest Berendt, um alemão que passou a vida estudando o som e o jazz. Este artigo faz uma revisão dos conceitos propostos por Berendt e,

3

¹ Mestre e doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente, é jornalista da coordenadoria de imprensa e da rádio universitária da Assessoria de Comunicação da Universidade Estadual de Maringá. Coordena o curso de especialização Mídias Digitais, do Centro Universitário de Maringá. É professora do Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde do Cesumar, em nível de mestrado. Tem experiência na área de Comunicação, atuando principalmente em webjornalismo, radiojornalismo, divulgação da ciência e semiótica. Email: anapaula.mac@gmail.com

² Possui graduação em Processamento de Dados pela Universidade Positivo (1993), graduação em Design de Interiores pela Faculdade do Norte Novo de Apucarana (2010), mestrado em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1998) e doutorado em Educação: História, Política, Sociedade, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2003). Atualmente é coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde, mestrado e professora titular do Centro Universitário de Maringá. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação e Comunicação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação e comunicação, redes sociais digitais e saúde, sociologia da educação, formação de professores, mídia educação, pesquisa social e metodologia de pesquisa interdisciplinar. Email: cristina.vermelho@gmail.com



O Som, a Palavra e o Rádio: reflexões sobre as possibilidades da produção sonora contemporânea

Ana Paula Machado Velho e Sônia Cristina Dias Vermelho

em seguida, relaciona-os às reflexões ao rádio e à palavra dita, capazes não só de entreter, mas de criar vínculos entre comunicador seu público.

Palavras-chave: Rádio, Som, Palavra

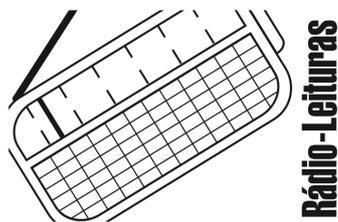
“As estrelas são as notas musicais. O céu é a partitura. O homem é o instrumento”.

Christian Morgenstern

O que gerou a redação deste artigo foi o fato de que é preciso despertar aqueles que vêm lidando com o som e a produção sonora neste momento em que esse código se difunde como um vínculo quase mágico em meio ao ambiente urbano. As pessoas estão cada vez mais com seus iPhones, iPods e outros dispositivos nos ônibus, nas ruas, andando nos parques etc. É o momento em que estão consigo mesmo. O som embala estes lapsos de subjetividade em meio à urbanidade, que sugerem a reflexão, a introversão.

Na música, o sujeito se encontra, porque, de alguma forma, nos submetemos a ouvir nos nossos dispositivos os sons que escolhemos, aqueles que vibram na mesma energia que nós. E é sobre isso que fala Joachim-Ernest Berendt, um alemão que passou a vida estudando o som e o jazz, e foi um dos co-fundadores da Rádio Sudoeste (Südwestfunk), uma das emissoras públicas alemãs, em 1945.

Berendt é um daqueles que viveu a Guerra e o período pós-conflito, quando começou a se instaurar na sociedade ocidental uma crítica significativa ao estado de coisas que a contemporaneidade estava trazendo para o sujeito. Através de uma viagem à ontologia do universo, Nada Brahma nos leva a um mergulho no padrão rítmico do mundo, na tentativa de nos resgatar para um estilo mais harmônico de vida, através da compreensão sobre o que é realmente o som, o ouvir, argumentando que esses processos obedecem às leis da harmonia universal.

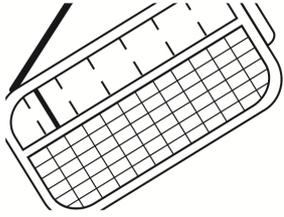


Este artigo faz uma revisão dos conceitos propostos por Berendt e, em seguida, relaciona-os às reflexões sobre o rádio, apontando para o fato de que é preciso refletir sobre o efeito do som no mundo, no corpo, no subjetivo do sujeito, coisas que só podem ser apreendidas quando se percebe as ondas sonoras muito além das questões de mercado. Elas precisam ser encaradas como estruturas, uma parte do todo semiótico, capaz não só de entreter, mas de criar vínculos entre comunicador seu público.

As reflexões de Berendt estão no livro de autoria dele, Nada Brahma, escrito originalmente em 1983, mas que teve uma edição ampliada e revisada em 1997. Aliás, o livro é homônimo do programa de rádio que o alemão produzia na Südwestfunk, uma série de concertos musicais vespertinos. Por causa dela, a emissora recebeu o maior volume de correspondências já registrado no âmbito dos programas culturais, visto que a transmissão tinha como foco criar um processo de migração para uma nova consciência, que pudesse salvar a humanidade de uma catástrofe ecológica e social. E esse caminho passa pela adoção de uma relação mais crítica com a ciência. E, sem dúvida, pela aceitação de que o mundo não é tão concreto e material como se pensa, somos vibração, somos energia e, por isso, somos ritmo e som. Aliás, “o mundo é som” é o significado da expressão Nada Brahma. Pensar sobre isso pode mudar nossa relação com todas as áreas da nossa vida. Se imaginarmos o universo como um macrocosmo, o homem, como um microcosmo, deve se relacionar com ele. No caso daqueles que lidam profissionalmente com música, com a palavra dita etc., é indispensável entender o que diz Berendt, um verdadeiro arauto da relação entre som e consciência.

1. Nada Brahma: o livro

Já na introdução da edição de 1997, o físico Fritjof Capra anuncia o foco de Nada Brahma, dizendo que “em todo o universo há padrões rítmicos, dos minúsculos aos gigantes. Os átomos são padrões ondulatórios de probabilidades; as moléculas



O Som, a Palavra e o Rádio: reflexões sobre as possibilidades da produção sonora contemporânea

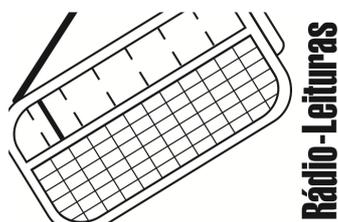
Ana Paula Machado Velho e Sônia Cristina Dias Vermelho

são estruturas vibrantes e os organismos vivos manifestam padrões oscilatórios múltiplos e interdependentes”. As funções biológicas destes seres vivos passam por ciclos, as civilizações surgem e desaparecem “e o planeta como um todo tem seus ritmos e repetições, à medida que gira em torno do sol”. Por isso, ele garante que a natureza está mais para a música do que para a máquina e são essas questões que começam a nos aproximar do que entendemos pelo rádio ou pela emissão sonora de um arquivo de áudio, cada vez mais comum na nossa sociedade. Capra lembra que a essência de uma melodia não está nas notas que a compõem, mas nos relacionamentos entre elas, os intervalos, as frequências e os ritmos. Ouvindo isso, qual profissional do som não se remete ao árduo trabalho de lidar com a voz, com o silêncio e com os efeitos sonoros, substâncias essenciais das mensagens radiofônicas nos mais diferentes gêneros.

Berendt entra no diálogo logo em seguida e vai direto ao ponto, perguntando: o que é o som? Vibração, responde. E ressalta que todas as coisas têm uma estrutura relacional com a escala de sons. Isso se explica pela física moderna. Sob a lente dela, o mundo se apresenta para nós de uma maneira que até recentemente não podíamos imaginar.

A física clássica, proposta por Newton, tinha uma visão mecanicista da natureza. Para ela, a grande máquina cósmica era vista como algo inteiramente causal e determinado. A base filosófica para esse determinismo vinha da divisão fundamental entre o eu e o mundo, produzida por René Descartes. Acreditava-se que o mundo podia ser descrito objetivamente. Em 1905, no entanto, Albert Einstein publica um trabalho propondo que nada é absoluto. Ou melhor, tudo é relativo. Isso destrói o mundo objetivo da era clássica, especialmente os conceitos de tempo e espaço que são a base das antigas teorias.

A Teoria da Relatividade de Einstein afirma que, diferente do conceito newtoniano, observadores diferentes ordenarão diferentemente os eventos no tempo

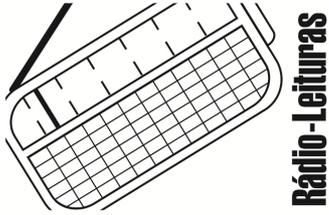


se se moverem em diferentes velocidades aos eventos observados. Tanto o tempo como o espaço tornam-se meramente elementos da linguagem utilizada por um observador para descrever os fenômenos observados.

Mas a grande virada mesmo começou com as descobertas de Marx Planck, poucos anos antes, que apontam para a compreensão de que a massa nada mais é do que uma forma de energia. Essa energia é a mesma que dá estrutura aos mais diferentes tipos matéria. A teoria nos mostra que, à medida que penetramos na matéria, a natureza não nos apresenta blocos básicos de construção isolados que costumamos chamar de átomos. Seja uma pedra ou um ser humano, na sua essência estrutural, o que se vê é uma complicada teia de relações de fundamentação vibratória, energética. Na Física Quântica, diz Capra (1995, p.58), “jamais podemos falar sobre a natureza sem falar, ao mesmo tempo, de nós mesmos”.

Enfim, a força básica que origina todos os fenômenos atômicos em volta de nós é uma força de atração elétrica entre o núcleo atômico e os elétrons. A interação desta força é que vai gerar a enorme variedade de estruturas e fenômenos do ambiente. O que determina a diversidade é o nível de vibração, o nível de interação. A matéria, então, pode ser encarada como um padrão que tem origem na quantidade de energia que se manifesta a nós com sua massa. E mais: na Física Moderna, o universo é, pois, experimentado como um todo dinâmico inseparável, que sempre inclui o observador.

O físico Jean E. Charon, citado por Berendt (1997, p. 12), descreve o que chama de fonte dos impulsos espirituais e psíquicos da matéria. Segundo Charon, o elétron, dentro do seu microuniverso, encerra um espaço, em primeiro lugar, capaz de armazenar informações; em segundo, de tornar essa informação disponível em cada período de pulsação de seu ciclo através de uma espécie de “sistema de memória”; e, em terceiro lugar, capaz de controlar operações complexas comunicando-se e cooperando com os elétrons do sistema. São armazéns primitivos de memória e estão entre as poucas partículas que não se desintegram. Essa capacidade de memória é controlada pelo *spin* de seus fótons, isto é, a frequência de rotação dos fótons que



O Som, a Palavra e o Rádio: reflexões sobre as possibilidades da produção sonora contemporânea

Ana Paula Machado Velho e Sônia Cristina Dias Vermelho

interagem com os elétrons. E são essas informações vibratórias que oferecem a materialização das mais diferentes massas; isto é, realizam os processos atômicos e químicos que estruturam a matéria. São também responsáveis pela “comunicação”; pela interação dessas massas.

[...] existe a troca de *spins* de entre os fótons de dois elétrons vizinhos. Daremos a esse processo de troca recíproca de amor. Ambos decidem executar um intercâmbio de ações (atitudes) e aceitar o intercâmbio de *spin*. É preciso haver uma concordância estética entre essas duas memórias. [...] Cada um deles é emissor e receptor. E, para que esse processo recíproco possa acontecer, ambas as configurações mentais têm de ajustar (BERENDT, 1997, pag. 94).

Essa constatação corresponde ao comportamento usual do homem. O amor consiste em reconhecer em nós mesmos a consciência de outra pessoa. Desta forma, deve haver na escala das criaturas vivas e não só na estrutura elementar, algo que aponte para o parentesco (como o amor maternal), mas também para a complementação mútua (o amor entre um homem e uma mulher) ou para as relações que se dão entre os sujeitos (amor fraternal); isto é, algo que se estabelece entre seres que se unem voluntariamente em organizações que têm como foco compartilhar conhecimento, informação, como é o caso dos processos de comunicação que, nós, profissionais do mundo contemporâneo precisamos ter com nossos ouvintes. Diz Berendt (1997, p.93): “esse tipo de comunicação entre elétrons facilita a comunicação que, por analogia, chamamos de comunicação de amor, mesmo em serem elementares”.

Em resumo, somos energia vibratória e a linguagem que rege nossa matéria é a dos tons, das harmonias. Por causa disso, a música e o som têm um caráter mais substancial no que diz respeito ao impacto das mensagens de áudio no nosso sistema físico e psíquico. Não compartilhamos com nossas emissões apenas palavras, mas emoções, experiências, energia.

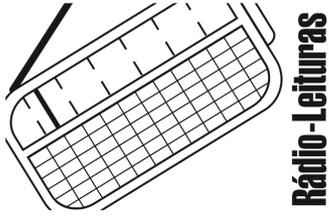
2. A natureza é som

A ciência dos harmônicos sabe que qualquer forma de vida orgânica tem uma estrutura dominada por números que podem formar consonâncias. “Há lá em cima, no cosmos, forças e formas desenhadas nas estrelas que ressoam na nossa alma, que nos enchem de maior vitalidade, e que pertencem tanto à divindade quanto ao âmago do nosso ser”. Berendt (1997, p.82) ainda cita Kepler (*Mistério Cosmográfico*, 1597): “Dê fôlego ao céu e você realmente ouvirá música”. Em seguida, traz a reflexão de Thomas Michael Schmidt:

O antigo conceito de que toda a música terrestre nada mais é do que um pálido reflexo ou uma espécie de substituto da harmonia celestial, torna-se real no sentido concreto, porque são as mesmas proporções matemáticas que dão fundamento tanto aos sons musicais como ao movimento dos planetas. Muito tempo antes da música humana ser tocada na Terra, as primitivas imagens matemáticas dos sons eram emitidas em dimensões realmente cósmicas nos céus. Assim sendo, as proporções acústicas têm um caráter universal próprio. Como princípios reguladores que primam pela ordem, organizam o mundo dos planetas, o macrocosmo, bem como a música humana na Terra (apud BERENDT, 1997, p83-84).

Hans Kayser (1950), acrescenta Berendt, descreveu as correspondências entre o espectro das folhas e dos tons. Disse que “se todas as notas de uma oitava³ forem graficamente desenhadas com seus ângulos particulares o resultado será a forma de uma folha primeva”. Isso significa que o intervalo de oitava e a consequente possibilidade de tocar e ouvir música traz em si o formato de uma folha.

³ O nome tem a ver com os intervalos entre as notas: a partir de uma nota dada (por exemplo, dó), a seguinte está separada por um intervalo "de segunda", a seguinte por um intervalo "de terça", a seguinte por um intervalo "de quarta" e assim adiante até a "oitava", que será nomeada igualmente à primeira nota (a oitava de dó é outro dó).



O Som, a Palavra e o Rádio: reflexões sobre as possibilidades da produção sonora contemporânea

Ana Paula Machado Velho e Sônia Cristina Dias Vermelho

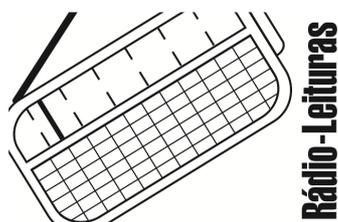
Outras tantas coisas que achamos belas na natureza obedecem a leis da proporção áurea: divisão de uma linha de forma que ela se relacione com a parte maior de b , da mesma forma que a parte maior de b se relaciona com a linha menor a . Segundo Thomas Michael Schmidt (1950), nosso corpo é bem proporcionado. O umbigo divide a envergadura; os bicos dos seios dividem a largura total de uma pessoa com os braços abertos. Os quadris dividem a distância do chão até o bico dos seios e o joelho divide proporcionalmente a perna. As sobrancelhas dividem a cabeça, o cotovelo o braço, incluindo-se a mão, tudo a partir da proporção áurea, que é “um fenômeno que implica a sexta, um intervalo muito importante tanto na música como no cosmos”, destaca Berendt. Isto é, nosso corpo é dominado pelas proporções matemáticas mais perfeitas e harmônicas.

E a inteligência do homem imita esta perfeição. Esses acordes materializados nas proporções da matéria estão presentes na arquitetura. Antes mesmo de a música soar nas igrejas, sua própria estrutura era som. Encontrou-se, por exemplo, correlações entre a igreja barroca de catorze santos da Bavária com determinadas passagens da composição Cravo Bem Temperado de Johann Sebastian Bach. Os capitéis dos mosteiros e claustros romanos em Gerona (Espanha) podem ser lidos como se fossem ritmos. Foram estruturados como uma notação musical secreta, em código, explica Berendt.

Se as folhas, os corpos, o cosmos e até as igrejas e claustros obedecem às leis dos harmônicos, essas têm que se aplicar à própria Terra, visto que também é uma entidade harmônica. O planeta é formado por camadas de diferentes densidades que estão separadas uma das outras por zonas com fortes vibrações sonoras. A Terra é um acorde potentíssimo, garante Berendt.

Desta forma, fica claro que o mundo é som. Não é só vibração.

Do ponto de vista da física, há bilhões de possibilidades vibratórias. Mas o cosmos, o universo em si, escolhe dentre bilhões de



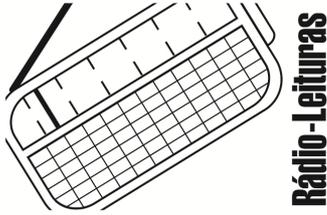
possibilidades, com uma clara preferência, aqueles, em última análise, significa um sentido musical. [...] Isso vale para quase todas as proporções do cosmos: órbitas planetárias, genes do ADN, formato de flores e cristais, proporções da tabela periódica, os núcleos atômicos, os spins dos elétrons [...] o universo introduz sons sem cessar em cada um de seus instrumentos, desde os átomos e os genes até os planetas e os pulsares. [...] está em toda a parte, e é ele que organiza o mundo e a este confere beleza. Comparados com a força do som, as partículas do universo, os planetas e os astros são meras partículas de pó que o som chama para si [...] para estabelecer ordem, estrutura e beleza (BERENDT, 1997, p.114).

3. O murmúrio do Oriente

Para ratificar essa constatação, Berendt faz uma arqueologia nos livros sagrados do Oriente. Em primeiro lugar, nos lembra de que a corrente que sustenta a expressão Nada Brahma é a filosofia indu. Esta sugere a seus seguidores que persigam durante toda a vida o conhecimento do verdadeiro significado do universo. Sua essência eterna e imutável. E isso é concretizado pelo perfeito conhecimento da nossa própria natureza, que é som!

Estas informações circulam em forma de lendas entre os orientais. Na Índia, o deus criador védico, Prayapati, era hino e canção. Os ritmos são seus membros. E os ritmos são formas de se alcançar objetivos celestiais. Diz-se que o deus Brahma meditou durante cem mil anos e o resultado da meditação foi a criação do som e da música. Aliás, no Islã, música é meditação e meditação é música. “A iluminação que podemos obter através da meditação, podemos alcançá-la também através da música” (apud BERENDT, 1997, p. 220), dizia o sufi⁴ Hazrat Inayat Khan.

⁴ Sufis ou sufistas são praticante do sufismo, procuram desenvolver uma relação íntima, direta e contínua com Deus, utilizando-se, dentre outras técnicas, da prática de cânticos, música e dança.



O Som, a Palavra e o Rádio: reflexões sobre as possibilidades da produção sonora contemporânea

Ana Paula Machado Velho e Sônia Cristina Dias Vermelho

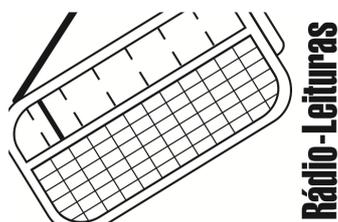
No Japão, há uma lenda de que a deusa do Sol, Amaterasu, buscou refúgio numa caverna, tornando o mundo frio e escuro. Em vista disso, Izanagi, o deus criador, amarrou seis arcos gigantes uns aos outros, criando a primeira harpa. E foi o som emitido pelo instrumento que fez Amaterasu sair da caverna e banhar o mundo de luz.

No Egito, o sol cantante criou o mundo com seu grito de luz. Para eles, tudo que é divino manifesta-se nos pensamentos do coração e nos som da língua. Para os astecas o criador cantou “faça-se o mundo! E fez o mundo!”.

Na China, há a tradição de que se pode buscar a sabedoria por meio da música. A origem está na história de que um grande taoista e flautista, Huan Yi, iria visitar uma determinada região onde estava o imperador. Desta forma, um dignatário do império mandou uma mensagem ao sábio, pedindo que ele fosse até o palácio. Huan Yi chegou e, sem trocar qualquer palavra com ninguém, tocou sua flauta por alguns minutos e deixou a cidade. O imperador, por sua vez, conseguiu descobrir o que queria.

Retomando palavras de Hazrat Inayat Khan, expostas por Berendt, é preciso saber que

o que chamamos de música na nossa linguagem cotidiana é apenas uma caricatura daquela música ou harmonia de todo universo que está por trás de tudo que existe e que é a origem e a fonte de toda a natureza. É por isso que os sábios de todas as épocas consideram a música como arte sagrada, pois na música o vidente pode ver o quadro de todo o universo. [...] O que nos faz sentir atração pela música é o fato de que todo nosso ser é música; nossa mente e nosso corpo, a natureza que nos cerca, a natureza que nos fez, tudo que está por perto ou ao nosso redor é música (apud BERENDT, 1997, p. 222).

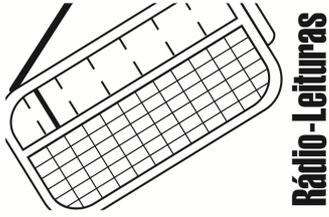


4. O som e o rádio

A partir do momento em que nossos ancestrais desceram das árvores para dormir em buracos e cavernas a audição se tornou um sentido extremamente necessário, mas do que os outros, para nossa sobrevivência. Além disso, nossos ouvidos estão abertos já antes de nascermos. No útero. Nossa consciência começa com eles. Antes de percebermos o mundo real por meio de outros sentidos, captamos o real com os ouvidos. E mais: não podemos fechar os ouvidos, assim como fazemos com os olhos. Berendt fala também que os olhos são invasivos, assim como os olhos da água à procura da presa. Já os ouvidos são receptivos, oferecendo oportunidade de vínculo.

Diante dessas proposições, faz-se necessário repensar o que estamos realizando nas nossas emissões sonoras. As investidas científicas realizadas nesta área chamaram atenção para a riqueza estética e semântica (se é que se pode separar esses dois parâmetros) da produção radiofônica. As discussões que me trouxeram até aqui e até Berendt, passam por ricas discussões sobre o rádio alemão. Enfim, foi investigando pequenos traços da história e da natureza da produção alemã nos primórdios da radiofonia – especialmente parágrafos de artigos, pequenos trechos de peças radiofônica e reflexões entre pesquisadores -, e sob o viés de estudos semióticos, que pude perceber o potencial dele com objeto de estudo e modelo para novas propostas de organização dos arquivos sonoros.

Nos primórdios do rádio na Alemanha, a programação do meio era resultado de um cenário técnico e cultural que sustentava as relações sociais naquele determinado período. As produções traduziam o espírito do povo e o modo de vida do país. Num ambiente onde nasceram os mais famosos compositores clássicos, onde a filosofia preenchia os livros e pensamentos e onde a arte desabrochou com o mecenato dos burgueses de uma das regiões mais prósperas da Europa, encontrar espaço na mídia para a arte e para a mobilização intelectual e trabalhadora era mais que uma virtualidade.



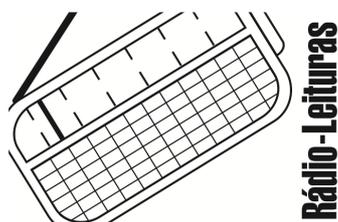
O Som, a Palavra e o Rádio: reflexões sobre as possibilidades da produção sonora contemporânea

Ana Paula Machado Velho e Sônia Cristina Dias Vermelho

Os primeiros passos do meio na Alemanha se dão com muita vitalidade ainda na fase da radiotelegrafia (em código Morse), pouco depois de 1910. Mas as atividades são interrompidas por causa da I Guerra Mundial. No entanto, ainda antes do fim do conflito, há notícias da existência do Clube do Rádio Operário, que incentivava a criação de emissoras e redes para propagar as idéias socialistas (MEDITSCH, 2005. p. 100). Segundo Ciro Marcondes Filho (1986), depois da guerra, os movimentos sociais alemães se organizaram em torno do rádio com vistas a vencer a crise econômica e social. As primeiras manifestações mobilizadoras surgiram com a produção de debates e apresentações de textos de pensadores engajados politicamente. Em outras palavras, nesse contexto político-social, o rádio se transforma em aparelho de aproximação das massas, como expõe Gisella Ortriwano (apud MARCONDES FILHO, 1986), criando um espírito de participação no processo comunicativo. Isso vai se refletir nos gêneros de programas que vão ocupar o espectro do rádio alemão nas primeiras décadas.

Mas é preciso ressaltar que a primeira transmissão oficial de rádio na Alemanha foi registrada em novembro de 1923 e deu espaço para um dos gêneros de maior destaque da programação alemã: as peças radiofônicas. Neste primeiro momento, foram veiculadas peças teatrais adaptadas para o meio. Porém, em pouco tempo, surgem as famosas *hörspiels*. Segundo Fernando Peixoto, os produtos deste gênero “organizam um universo novo, no qual palavra e som, ruídos e silêncios, ou mesmo música, propõem, a partir de efeitos técnicos e/ou humanos, uma realidade criativa surpreendente e, até mesmo, transformadora” (apud SPERBER, 1980, p.9), o que demonstra o ambiente modificando o comportamento dos indivíduos, da coletividade.

O “sucesso” da produção sonora chamada *hörspiel* são os elementos técnicos – as diversas possibilidades acústicas do microfone para estruturar as marcas da linguagem acústica; a mesa de mixagem e seus efeitos – combinados aos elementos semânticos – a música, que substitui elementos óticos, desenha situações psíquicas, dinâmica e ritmo; e a palavra, onda sonora portadora de significado, que ganha

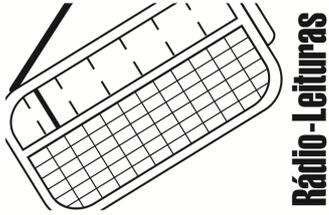


expressão na fonação. Klippert compõe o conceito de paisagens vocais para explicar esse último elemento, lembrando que são essas paisagens que vão contribuir com a construção de “imagens” mentais (SPERBER, 1980, p.58-76-101).

Estas proposições se complementam com as reflexões de Hörst Scheffner sobre a capacidade do rádio de fazer “ouvir”, no sentido proposto por Baitello (apud MENEZES, 2007), porque “fala” ao sentido interior de cada um. Passa por Richard Kolb, que descreve que “sons de todas as naturezas falam, se tornam uma ponte entre o espiritual e o material, entre o sujeito do conhecimento, eu, e o mundo que o circunda. É o estágio criativo prévio que leva da imaginação para as formas materiais de expressão”. Heinz Schwitzke chama esse processo de um “preencher-se e esvaziar-se constantemente alternados” (SPERBER, 1980, p. 116).

Enfim, o exemplo das *hörspiels* deixa claro que o espírito daquela organização da mensagem radiofônica é fruto da composição do ambiente técnico, cultural e discursivo de um meio. Em um determinado período histórico, deixa-se transparecer nas produções sonoras do rádio, suas expressões culturais, ou seja, as formas de representação que fazem parte da natureza semiótica daquela cultura, que se traduz e se desdobra em tantos produtos, mas, especialmente, nas *hörspiels*. Estas passam a funcionar como vínculos sociais. Surgem do inter-relacionamento da realidade das ruas, da tecnologia, da vida. E se alojam no rádio porque a mídia está engajada no cenário, é presença, é lastro social naquele determinado momento. Por isso, agrega e carrega especificidades que desenham as bases do pouco que se conhece do criativo rádio alemão.

O desenvolvimento da *hörspiel* mostrou como os avanços e a coexistência de diferentes áreas – literatura, cinema, teatro, música, eltroacústica, informática e tantas outras – [vem contribuir para] essa ‘*ars acustica*’, como define Klaus Schöning ao se referir a um conjunto de linguagens sonoras autônomas surgidas no século XX (apud ALBANO, 2005).



O Som, a Palavra e o Rádio: reflexões sobre as possibilidades da produção sonora contemporânea

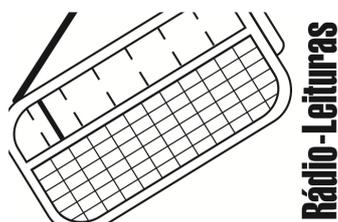
Ana Paula Machado Velho e Sônia Cristina Dias Vermelho

É sob esta perspectiva que se pode relacionar o rádio ou a produção sonora às propostas de Berendt. É possível utilizar toda a natureza tecnológica e de natureza vibratória do meio para produzir mensagens que vão além do registro diário de informações e outros “serviços” característicos das emissoras. A propriedade de mexer com a subjetividade, com a essência do sujeito deve ser a estrutura fundamental das mensagens sonoras. É preciso nos miramos na ilustração das possibilidades de materialização que se dá na interação entre os elétrons e fótons e começarmos a preencher o mundo da palavra radiofônica com mais energia, para criarmos relações de vínculo com nosso ouvinte ou de amor, como propõe Berendt (1997, p. 68).

Experiências com pensadores de renome não faltam. Walter Benjamin, por exemplo, é autor da *Trilogia berlinense*, composta por uma série radiofônica sobre a cidade de Berlim (1929-1930) e pelos textos *Crônica berlinense* (1931-1932) e *Infância em Berlim por volta de 1900*. Na série dirigida a adolescentes, Benjamin utilizava uma variante do chamado *tableau* (crônica), adequando-o ao novo veículo sonoro e buscava a essência dos ouvintes.

Medicsch lembra que o primeiro texto didático do dramaturgo Bertold Brecht foi escrito para o rádio, *Um Vôo sobre o Oceano*. Isso sem contar o famoso texto do autor, a *Teoria do Rádio*, escrito entre os anos 20 e 30. Eduardo Meditsch destaca ainda Rudolf Arheim, um apaixonado pelo rádio que escreveu o seguinte:

Os resultados obtidos nestes primeiros anos, graças a essa nova forma de expressão, podem ser considerados realmente sensacionais. Foi revelado um mundo sedutor e excitante, que está de posse não somente do maior estímulo que conhece o homem para os sentidos – a música, a harmonia e o ritmo – mas, também, ao mesmo tempo, é capaz de dar uma descrição da realidade por meio de ruídos e com mais amplo e abstrato meio de divulgação que o homem possui: a palavra. [...] Na rádio, os sons e as palavras revelam a realidade com a sensualidade do poeta, e nela se encontram os tons da música, os sons mundanos e espirituais, fazendo assim a música penetrar no mundo das coisas; o mundo se enche de música, e a nova realidade criada pelo pensamento se oferece de modo

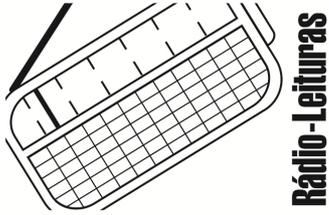


muito mais imediato mais concreto do que no papel impresso: o que até há pouco havia sido somente idéias escritas, passou a ser algo materializado e bastante vivo (Arheim apud MEDITSCH, 2005, p. 101).

5. A palavra

É certo, que a grande argumentação de Berendt em Nada Brahma vem da relação dele com a música. Nós lidamos com a palavra. Pensemos nelas, então, como nosso som interior. Se o ser humano é vibração como tudo mais, não só no sentido espiritual, mas também no sentido físico, como vimos até agora, a palavra também o é. Ela não é apenas uma expressão audível da respiração produzida pela boca e pela língua. Nós criamos os nossos processos de percepção e cognição a partir da sintonia com essas vibrações, mergulhados num mar de vibrações que escolhemos como harmônicas. As palavras ecoam no coração, na cabeça, no corpo todo. Pulsam ritmicamente e se transformam. “Torne-se você mesmo uma vibração que transcende o espaço”, diz Berendt, por meio da palavra dita, pronunciada. “O som gerado pelas cordas vocais para criar a rede vibratória do universo tem a faculdade de sintonização total, nos une à sinfonia cósmica. Une-nos ao sussurro constante das estrelas e as emissões de rádio do sol, mas também nos une ao outro”, completa Berendt (1997, p. 136).

Ele lembra que seres vivos são como aparelhos de televisão analógicos. As imagens destes aparelhos são formadas a partir da sincronização das linhas verticais e horizontais para oferecer a sintonia. É uma afinação, um compasso que proporciona a imagem perfeita. Esta harmonização também acontece entre duas pessoas que mantêm um diálogo interessante. De repente seus cérebros vibram sincronicamente. “Há pesquisas que mostram as ondas cerebrais de alunos vibrando na mesma sintonia da de um professor”, lembra Berendt. Assim como resgata a imagem da harmonização entre pregadores e seus fiéis numa igreja. Berendt mostra com isso que reconhecer relacionamentos harmônicos não é um privilégio apenas da área da música. É o



O Som, a Palavra e o Rádio: reflexões sobre as possibilidades da produção sonora contemporânea

Ana Paula Machado Velho e Sônia Cristina Dias Vermelho

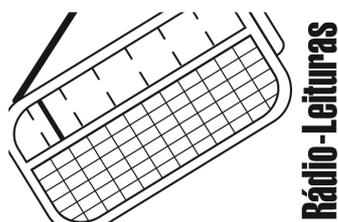
objetivo dos átomos, das órbitas planetárias, das células, das ondas cerebrais... dos homens, por meio do diálogo. O cosmos e a criação têm como último objetivo a harmonia. Porém,

[...] a palavra harmonia deve ser entendida no sentido que lhe foi conferido neste livro [Nada Brahma], isto é, não como estruturação do mundo segundo leis da harmonia musical, mas também como expansão da harmonia no cosmo como um todo, pelo que a esta deve ser entendida no seu sentido mais amplo, abrangendo os relacionamentos harmônicos tais como são concebidos entre os seres humanos, bem como nos harmônicos da música e dos *spins* dos fótons. Esse modo de encará-la faz da harmonia uma lição a ser aprendida por todos nós (BERENDT, 1997, p.159).

Esta história reforça a importância da voz e da existência de alguém que fala para o surgimento do rádio como veículo, como meio de comunicação utilizado com diversos objetivos.

Por meio da voz de nossa mãe, temos o primeiro contato com o mundo. O psicólogo russo Vigotsky lembra que a criança começa a perceber com profundidade as coisas não só pela visão, mas pela fala, quando ela “extrapola a estrutura natural do campo sensorial”. Esta “função sintetizadora da linguagem verbal é instrumental para que o indivíduo atinja formas mais complexas de percepção cognitiva” (VIGOTSKY *apud* BARBOSA FILHO, 2003, p. 23).

Voltemos ainda a um passado mais distante, lembrando que o desenvolvimento das civilizações sempre andou junto com a evolução da capacidade do homem de se comunicar. E a voz e a elocução sustentaram a comunicação, inicialmente, por meio de grunhidos que, sistematizados, se transformaram em linguagem simbólica. Esta última foi sendo aprimorada na mesma proporção que se complexificavam a sociedade, as cidades e os aglomerados urbanos.

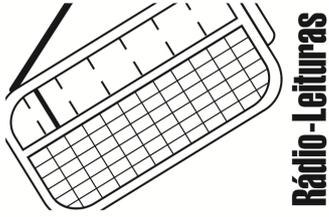


Uma quebra neste processo evolutivo se dá com o surgimento da escrita, num momento em que os povos começavam a estabelecer relações comerciais. Porém, até o fim da Idade Média, esta comunicação institucionalizada estava restrita a um pequeno grupo de letrados. É na linguagem oral que toda a tradição vai se estruturar, ser fator de agregação social e das manifestações culturais. *A letra e a voz*, livro de Paul Zumthor, descreve muito bem esta história, apontando que a “literatura” medieval era estruturada para ser dita, falada. Eram os textos ditos que lastreavam toda a comunicação social, promoviam os vínculos da cultura.

A situação começa a mudar com a Reforma Protestante e as grandes navegações. A necessidade de fazer com que as pessoas lessem a Bíblia estimulou a alfabetização da população e a intenção de registrar a história das viagens e os interesses econômicos de uma nova classe, os comerciantes vão fazer com que a escrita se fortaleça, surgindo assim, uma tendência à textolatria.

A Revolução Francesa e o Iluminismo são o clímax deste movimento de popularização da informação oficial. A burguesia, a classe média, assume definitivamente as rédeas da sociedade e exige ter acesso aos bens culturais que se disseminam pelo mundo. Estes novos ricos promovem, ainda, a Revolução Industrial e vão investir no aprimoramento dos meios de comunicação para divulgar os produtos que a indústria coloca no mercado. Os jornais e os periódicos se aprimoram ao passo em que há a evolução das aplicações da eletricidade e, com isso, vão surgir “novos” meios de comunicação. Entre eles está o rádio que, como foi visto, vai se estabelecer como mídia de massa ao promover a disseminação de notícias e entretenimento por meio da voz.

6. Voz e vínculo



O Som, a Palavra e o Rádio: reflexões sobre as possibilidades da produção sonora contemporânea

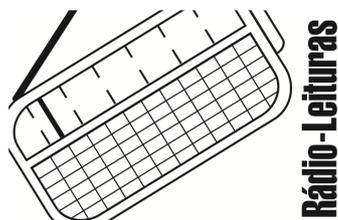
Ana Paula Machado Velho e Sônia Cristina Dias Vermelho

É importante frisar que ao falarmos em comunicação estamos nos referindo a uma iniciativa de se propor vínculos com o outro, de interagir com o outro no sentido de mover alguém a ouvir, a prestar atenção às mensagens que colocamos no mundo.

Em Rádio Nova , constelações da radiofonia contemporânea, Norval Baitello Jr. propõe que ouvir é trazer a atenção de alguém para o que nós dizemos e mostramos. Ele amplia a noção de ouvir para explicar como qualquer elemento disponível no universo da mídia pode nos fazer mergulhar em seu significado, a partir do momento em que consegue mexer com a nossa essência. Comunicação não se dá, então, só pela emissão de mensagens, mas no momento em que alguém aceita, apreende, se atenta para o conteúdo que disponibilizamos no mundo.

O rádio ilustra bem esta proposição de um envolvimento profundo entre a mensagem e o indivíduo/ouvinte, que Baitello batizou de vínculo. A história deste suporte mostra como o veículo foi capaz de mobilizar famílias inteiras durante seus anos de ouro no Brasil e no episódio da transmissão da peça radiofônica *Guerra dos Mundos*, realizada por Orson Welles nos Estados Unidos em 1938, que deixou meio país acreditando que a Terra estava sendo invadida por extraterrestres. É aí que entra a capacidade de envolvimento provocada pela mensagem que se dá a partir da voz de alguém que a concretiza, a partir do que se chama de elocução, a palavra dita. A voz é um meio sonoro que desperta a capacidade evocativa da palavra, ela é um gesto sonoro (SPERBER, 1980).

Enfim, a palavra ganha expressão com a fonação e interpretação na voz do comunicador. Este último não apenas lê, interpreta o conteúdo das mensagens escritas, como também, comenta, entrevista, analisa. Enfim, fala informalmente ao microfone. Esse processo gera no ouvinte a sensação de que está participando de um diálogo, apesar de não poder responder diretamente a quem lhe fala. Essa incompletude provoca quem ouve a complementar o diálogo com sua imaginação. Através da palavra, “o receptor cria imagens em sua mente – imagens interiores”

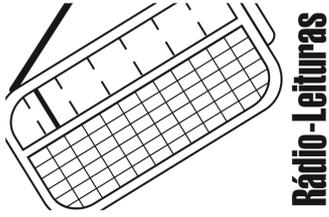


(BAUMWORCEL, 2001, p.109). As imagens mentais vão comportar sensações, emoções e relações afetivas. Neste movimento de interação é que se dão os vínculos propostos por Baitello, ao explicar aquele encontro do jornalista e do ouvinte no aeroporto, pessoas tão íntimas e que nunca se viram. É “a palavra imaginada, fonte evocadora de uma experiência sensorial mais completa” (BAUMWORCEL, 2001, p.109).

Plessner, na coletânea *Antropologia dos sentidos*, diz que “na conversa se encobre a ligação do homem à linguagem. (...) Quanto mais plástica for a expressão e quanto mais transparecer seu caráter metafórico – não apenas com intenções poéticas – tanto mais intensamente é sentida a presença do que se quis dizer no invólucro do que foi dito”. Em outras palavras, está concretizado o vínculo.

Atualmente, a radiodifusão sonora passa por momentos promissores. A vida urbana, que exige que o indivíduo passe quase o dia todo fora de casa, leva-o a procurar informação e entretenimento no rádio. Ele procura contato com o mundo de uma forma que não precise utilizar as mãos, ocupadas com as tarefas profissionais ou com o volante, quer ouvir o outro, além dos barulhos da paisagem sonora da cidade. Ligando-se ao veículo, liga-se à vida. Com isso, o horário de exposição das pessoas ao rádio se expande. Agora, ele mobiliza o ouvinte das 6 às 19 horas, não só pela manhã, como foi registrado durante décadas. As pessoas procuram a conversa, o diálogo, a interação. E estes detalhes surgem quando a voz do rádio se enche de personalidade, por meio de jornalistas/comunicadores envolventes que conseguem demonstrar sua capacidade profissional e humana, no momento de conduzir a interlocução com os entrevistados, de ler os textos pré-produzidos, de traduzir as notícias para quem ouve. Voltamos à voz, ao diálogo, à elocução, aos vínculos. Nestes elementos é que está o diferencial do rádio.

Essa alquimia de emoções que se dá na radiodifusão sonora pode ser vista como a arma dos doutrinadores eletrônicos que têm o dom da palavra ideológica. Mas, também, pode ser o prêmio daqueles que dedicam a vida profissional ao diálogo, se entregam ao encontro diário com o ouvinte. Aqueles que, mesmo distantes



O Som, a Palavra e o Rádio: reflexões sobre as possibilidades da produção sonora contemporânea

Ana Paula Machado Velho e Sônia Cristina Dias Vermelho

fisicamente, confiam ao comunicador suas dúvidas, seus anseios, suas alegrias e suas lutas.

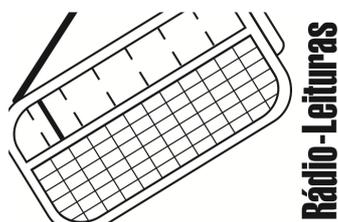
Considerações Finais

De acordo com o que foi descrito e analisado, o som tem sua especificidade no conjunto das estratégias de comunicação. Se como disse McLuhan o meio é a mensagem, a verdadeira essência da mensagem sonora pode, segundo Berendt, vibrar no âmago do ser humano. Por meio da linguagem matemática do som é possível mexer de forma mais efetiva com sua subjetividade. Pode trazê-lo para uma experiência mais que sensória, mas de harmonização com o outro.

O Grande Tom é o tom do ser ou, como dizem os hindus, o tom do “eu”, o tom da alma. “O Grande Tom é Nada Brahma, o tom a partir do qual o Deus fez o mundo, tom que continua soando nos alicerces da criação e que impregna todos os seres”, diz Berendt. Ele ainda lembra que, em latim, o termo que significa impregnar ou soar através de algo é *personare*. Assim, na base do conceito de pessoa, a ideia que torna alguém um ser humano uma personalidade individual é o conceito de som: através do som. Se nada ressoa a partir da essência do ser, o homem é biologicamente um ser humano, mas não é uma pessoa. “Per – son ele não é. Ele não vive através do som, do *sound*, do tom. Desta forma, ele não vive o próprio mundo”, o mundo que, hoje, precisa cada vez mais da palavra, do outro, do vínculo. Que nós, profissionais da palavra, possamos criar cada vez mais oportunidades de construir esses vínculos, no nosso cotidiano atômico ou mediado pelas tecnologias da mídia sonora.

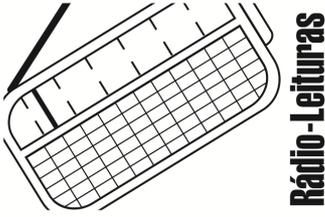
Referências bibliográficas

BIATELLO, Norval. Introdução. IN: ZAREMBA, Lílian; BENTES, Ivana. (Orgs.) **Rádio Nova**. Constelações da radiofonia contemporânea 3. Rio de Janeiro: UFRJ, ECO, Publique, s/d.



Ano III, Num 02
Edição Julho – Agosto 2012
ISSN: 2179-6033
<http://radioleituras.wordpress.com>

- BARBOSA FILHO, André. **Rádio**: Sintonia do Futuro. São Paulo: Paulinas, 2003
- BAUMWORCEL, Ana. **Radiojornalismo e Sentido no Novo Milênio**. In: MOREIRA, Sônia Virgínia e DEL BIANCO, Nélia (Org.). Desafios do Rádio no Século XXI. São Paulo: INTERCOM, Rio de Janeiro: UERJ, 2001.
- BERENDT, Joachim-Ernest. **Nada Brahma**: a música e o universo da consciência. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.
- CAPRA, Fritjof. **O Tao da Física**: um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.
- FERRARETO, Luiz A. **O Rádio**: a história, o veículo e a técnica. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.
- KAYSER, Hans. **The Textbook of Harmonics**. Trad: Ariel Godwin e Joscelyn Godwin, 1950. Tradução ao inglês publicada em 2006. Disponível em <<http://www.hanskayser.com>. >Acesso em 08/09/2010.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Quem Manipula Quem?** Poder de Massas na Indústria da Cultura e da Comunicação no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1986.
- MEDITSCH, Eduardo. Rudolf Arheim e o Potencial Expressivo do Rádio. In: MEDITSCH, Eduardo. **Teorias do Rádio**: textos e contextos. Florianópolis: Insular, 2005.
- MENEZES, José Eugenio de Oliveira. **Cultura do ouvir**: vínculos sonoros na contemporaneidade. 2007. Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Rádio e Mídia Sonora, durante o XXX Congresso da Intercom. Santos,). Disponível em: <http://intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0644-1.pdf>. Acesso em 12 ago 2009.
- PLESSNER, Helmuth. Antropologia dos Sentidos. In: GADAMER; VOGLER (Orgs.). **Nova antropologia**: o homem e sua existência biológica, social e cultural. São Paulo: EPU, 1977, Volume 7.
- SCHAFER, R. Murray. **A Afinação do Mundo**. São Paulo: Editora Unesp, 2001. SPERBER, George Bernard. **Introdução à Peça Radiofônica**. Seleção, tradução, introdução e notas de George B. Sperber. São Paulo: EPU, 1980.
- ZUMTHOR, Paul. **A Letra e a Voz**: a literatura medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.



O Som, a Palavra e o Rádio: reflexões sobre as possibilidades da produção sonora contemporânea

Ana Paula Machado Velho e Sônia Cristina Dias Vermelho

Abstract

People are increasingly on their iPhones, iPods and other devices on buses, in the streets, walking in parks etc. The sound suggests lapses of subjectivity in the midst of urbanity, which points reflection, introversion. We can renew our energy by interacting with the sounds we choose to hear, those vibrate on the same wavelength as us. That's what Joachim-Ernst Berendt speaks, a German who spent his life studying sound and jazz. This article reviews the concepts proposed by Berendt and relates them to the reflections on the radio and spoken word, able not only to entertain, but to create links between public and the speaker.

Keywords: Radio, Sound, Word.

Resumen

Las personas están cada vez más en sus teléfonos, iPods y otros dispositivos en los autobuses, en las calles, caminando en los parques, etc. Es el sonido que los conducen a los lapsos de la subjetividad, en medio de la urbanidad. Conducen a renovación de las energías a través de la interacción con los sonidos que vibran en la misma frecuencia que nosotros. Eso es lo que Joachim-Ernst Berendt dice, un alemán que dedicó su vida al estudio de sonido y el jazz. Este artículo revisa los conceptos propuestos por Berendt y los relaciona con las reflexiones sobre el radio y la palabra hablada, capaz no sólo de entretener, sino crear vínculos entre el comunicador y su público.

Palabras Clave: Radio, Sonido, Palabra.